

A EQUOTERAPIA COMO UMA PRÁTICA ALÉM DA REABILITAÇÃO

Jéssica Oliveira Resende¹

Lidiane Ferreira da Silva²

Resumo: Nos últimos anos, houve um perceptível crescimento da prática equoterápica resultante do aumento na demanda de atendimentos às pessoas com deficiência. Por esse motivo, ratifica-se a importância de debater à luz da equoterapia, suas possíveis contribuições para a inclusão de pessoas com deficiência, de modo que ultrapasse a reabilitação como foco principal da prática. A equoterapia se apresenta como um método terapêutico que utiliza o cavalo como terapeuta principal dentro de uma abordagem interdisciplinar, com enfoque no desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência. Nesse sentido, objetivou-se identificar como a equoterapia pode contribuir para a inclusão dessas pessoas, através de uma revisão bibliográfica de análise qualitativa. Destarte, foi possível constatar a importância da prática em relação à inclusão, já que é um espaço onde o praticante desenvolve autoconfiança e outras habilidades que darão maior repertório e possibilidades de desenvolver a autonomia nas atividades corriqueiras. Ademais, a possibilidade de conscientização da população para que a mesma lute em consonância com a inclusão, também se torna um ponto importante de contribuição à sociedade.

Palavras-chave: Inclusão. Equoterapia. Pessoas com Deficiência. Reabilitação.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, sabe-se que os sujeitos são diversos, logo, diferem entre si. Essas diferenças podem ser exemplificadas nas diversas faixas etárias da vida, onde em cada etapa haverá necessidades, fragilidades e características próprias. A partir dessa lógica, houve ao longo da história uma supervalorização da capacidade física, sensorial e cognitiva,

¹ Acadêmica do curso de Psicologia no Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES). Email: jessicaoraves@hotmail.com.

² Docente do curso de psicologia UNIFIMES. Email: lidi@unifimes.edu.br

engendrando a exclusão, eliminação e segregação das pessoas com deficiência, como evidência do preconceito, discriminação e desvalorização das vidas desse grupo minoritário e vulnerável (MAIOR, 2015).

O percurso histórico das pessoas com deficiência perpassou a invisibilidade, o assistencialismo e, finalmente, a convivência na sociedade. Foi a partir do modelo biomédico (deficiência como incapacidade a ser superada) que se inseriram tratamentos para a habilitação ou a reabilitação, na primeira metade do século vinte. Atualmente, há um esforço para adequar a sociedade para a aplicação do paradigma dos direitos humanos. Busca-se essa implementação também na prática equoterápica (MAIOR, 2015).

De acordo com a ANDE (1999), a equoterapia é um método terapêutico e educacional onde o cavalo ocupa o lugar de terapeuta dentro de uma abordagem interdisciplinar (saúde, educação e equitação), buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência. A equipe interdisciplinar integrada, é formada, normalmente, por psicólogo, fisioterapeuta, médico, fonoaudiólogo, pedagogo, terapeuta ocupacional, educador físico e instrutor de equitação. O termo equoterapia foi adotado pela ANDE-BRASIL em 1989 e registrado em 1999 no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) do Ministério do Desenvolvimento, da Indústria e do Comércio (FERRARI, 2003).

Para que seja possível compreender o processo da crescente popularização da prática equoterápica como uma referência na reabilitação, principalmente para o público com deficiência, será necessário recorrer à sua trajetória histórico social, buscando evidenciar a constante luta dessas pessoas para a construção de um mundo mais inclusivo. Diante dessa necessidade, o resumo expandido traz como objetivo fazer reflexões acerca de como o programa equoterapêutico pode promover principalmente a inclusão, já que essa terapia não está isenta de reproduzir a cultura capacitista devido ainda à forte influência do modelo biomédico. Por fim, a escolha do tema se motivou na tentativa de fomentar mais produções de pesquisas e desenvolvimento de materiais científicos que apoiem a prática terapêutica de forma a mitigar as problemáticas advindas do tema. A pesquisa é uma forma importante de trazer visibilidade para o contexto envolvido como um todo (equipe multidisciplinar, praticantes, familiares e o contexto científico), fortalecendo assim, a prática e também propiciando seu aprimoramento. A metodologia utilizada foi a de revisão bibliográfica de análise qualitativa dos materiais encontrados. Destaca-se aqui a dificuldade em encontrar



materiais que se referissem a equoterapia e inclusão. No entanto, também usufruiu-se das observações e discussões realizadas durante os atendimentos do Centro de Equoterapia Passo Livre para o projeto de Extensão “Equoterapia” na cidade de Mineiros-GO.

METODOLOGIA

A presente produção científica é derivada do desenvolvimento do projeto de extensão “Equoterapia”, realizado no Centro de Equoterapia Passo Livre em Mineiros-GO, localizado no Parque de Exposições de Mineiros. Partiu-se do interesse da discente de psicologia e bolsista de extensão de tal projeto, investigar o potencial de inclusão dessa prática, conhecer como a sociedade tratou as pessoas com deficiência em diferentes épocas e como a equoterapia está inserida dentro dessa trajetória. Mencionou-se no decorrer do texto alguns exemplos advindos da prática. Finalmente, sabe-se que o interesse por tal tema adveio da necessidade de se pensar, falar e refletir sobre questões que perpassam uma comunidade excluída historicamente, com baixa representatividade e com falta de garantia dos direitos já previstos na lei e ainda a falta de políticas públicas direcionadas a acessibilidade e inclusão.

Para a produção deste, buscou-se artigos, livros e teses, utilizando os descritores “equoterapia”, “inclusão” e nas seguintes bases de dados: Google Acadêmico, Scielo e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O uso do cavalo como agente de processos terapêuticos possui registros de 458 a.C, quando Hipócrates, pai da medicina, relatou o poder da prática na promoção de saúde do ser humano de maneira global. Portanto, o cavalo é um ser vivo milenar, que no decorrer da história, foi domesticado e utilizado como transporte, animal de tração para a agricultura, para a propagação de ideias, idiomas e religiões e, também, na guerra, em cavalarias e carruagens (FERRARI, 2003).

O primeiro registro de atividade equestre relacionado ao âmbito hospitalar ocorreu em 1901, na Inglaterra, em um hospital fundado para atender a demanda de feridos da guerra Boers, na África do Sul. Foi nesse contexto que uma dama inglesa, patronesse do hospital,

leveu alguns de seus cavalos com o intuito de reduzir a monotonia do tratamento dos mutilados em tal instituição. Posteriormente, no Hospital Universitário de Oxford, mais precisamente no ano de 1917, foi fundado o primeiro grupo de equoterapia, a fim de atender os enfermos da Primeira Guerra Mundial, buscando proporcionar no tratamento lazer e maior bem-estar (INSTITUTO FEDERAL SUDOESTE DE MINAS GERAIS).

No Brasil, a equoterapia foi considerada um método científico-terapêutico pelo Conselho Federal de Medicina em 1977 e, somente em 1999, é que se realiza o Primeiro Congresso Brasileiro de Equoterapia (FERRARI, 2003). Em 1988 um agrupamento de militares e civis viajaram para a Europa com a finalidade de aperfeiçoar seus conhecimentos em tal prática que já era reconhecida internacionalmente. No retorno ao Brasil em 1989, esse grupo foi responsável por criar em Brasília a Instituição de equoterapia sem fins lucrativos - ANDE-BRASIL (SANTOS, 2022).

Os registros históricos acerca do deficiente brasileiro apontam uma fase inicial marcada pela eliminação e exclusão. Estavam à margem da sociedade e eram vistos como incapazes e/ou doentes. Houve maus tratos também, em relação aos povos africanos que eram escravizados. Os castigos que eram aplicados aos negros fugitivos que fossem capturados incluíam o açoite, a amputação de membros e mutilações, contando ainda com o total consentimento da igreja. Essa prática se estendeu até o século XIX, causando assim, uma população de negros com deficiências físicas, resultantes das torturas das quais eram submetidos (PEREIRA et.al, 2020).

A partir desse século, a deficiência começa a ser mais habitual como reflexo do aumento de conflitos militares e há também a criação de várias instituições com o enfoque no atendimento dos deficientes de classes desfavorecidas. Essas medidas foram tomadas pelo esperado crescente número de soldados feridos, com deficiências físicas e sensoriais adquiridas (PEREIRA et.al, 2017).

No século XX, com os avanços da medicina, deu-se uma maior importância em relação aos deficientes, tanto que se criou os hospitais-escolas, no campo da reabilitação (atenção terciária da saúde). Esse ideal médico de intervenção no cuidado das pessoas deficientes era segregacionista e evidenciava a resistência da sociedade em aceitar a necessidade de mudar suas estruturas e atitudes para incluir as pessoas com deficiência e/ou com outras condições atípicas, oferecendo-lhes possibilidade de ir em busca do seu próprio

17, 18 e 19
de Outubro

Semana
Universitária 2022

BICENTENÁRIO DA
INDEPENDÊNCIA



ANOS DE CIÊNCIA,
Tecnologia e Inovação no Brasil.

UNIFIMES
Centro Universitário de Mineiros



PESQUISA
UNIFIMES

EXTENSÃO
UNIFIMES

WWW.UNIFIMES.EDU.BR

desenvolvimento pessoal, social, educacional e profissional. Após o modelo médico, surgiu o modelo assistencialista que tinha como princípio a integração social: preocupação em facilitar o acesso aos logradouros públicos e privados e aos meios coletivos de consumo (PEREIRA et.al, 2017).

Atualmente, percebe-se a completa ausência de respeito por parte do governo no que diz respeito à garantia aos direitos dos deficientes. Essa falta de interesse dos órgãos competentes em fazer cumprir a lei, gera um sentimento de ineficiência e impunidade. Por isso, é fulcral que dentro do trabalho da equoterapia se desenvolva um olhar para além da atenção terciária da saúde (PEREIRA et.al, 2017).

O objetivo da atividade equestre inicialmente segue o modelo biomédico da deficiência, ou seja, tem como foco a reabilitação e a educação. Esse modelo foi um importante passo para a luta da comunidade referida em relação aos direitos da promoção de saúde em tal período. Porém, esse modelo é insuficiente para atender as demandas dessa população no contexto histórico hodierno, no qual a preocupação existente é garantir a dignidade da pessoa com deficiência, o combate à violação de seus direitos, sua autonomia e acesso a todas as prerrogativas sociais.

Para incentivar a mudança da estrutura social preconceituosa, não inclusiva e inacessível aos atípicos, é de extrema importância oportunizar espaços de visibilidade. Isso pode ser feito por meio de apresentações esportivas dos praticantes pré-esportivos em eventos abertos, demonstração dos atendimentos para a população e submissão de trabalhos em eventos científicos. A divulgação nas redes sociais é onde os praticantes podem ter um lugar de fala. Ademais, é importante buscar parceiros e colaboradores alinhados aos princípios inclusivos, promover atividades integrativas com as famílias dos praticantes, promover palestras abertas ao público para fim de conscientização, informatização e educação acerca da inclusão em todos os âmbitos que devem compor a vida de todo e qualquer ser humano.

Pensando no potencial desse programa terapêutico no que tange a promoção de práticas inclusivas, é que se julgou importante recorrer a observações feitas no projeto de extensão “Equoterapia Passo Livre”. Portanto, na cidade de Mineiros, houve a realização de uma apresentação de um praticante pré-esportivo da equoterapia, na modalidade de três tambores em um evento relacionado à pecuária, que faz parte da cultura local e é realizado anualmente, atraindo assim, uma parte expressiva da população mineirense. Esse tipo de ação



é muito importante para quebrar estigmas e preconceitos direcionados a pessoas atípicas, dar oportunidade para que sejam vistos desempenhando uma atividade na qual é necessário ter aspectos como autoconfiança, autonomia, consciência corporal, sociabilidade, autocontrole, psicomotricidade, disciplina, raciocínio lógico e perspectivas motoras e sensoriais em desenvolvimento (COSTA, et. al, 2018).

Sabe-se ainda que além das dificuldades relacionadas à resistência da sociedade em mudar sua estrutura, do desinteresse do estado em fazer cumprir as leis vigentes, há ainda entraves ligados à falta de investimentos na área terapêutica, falta de qualificação da equipe multidisciplinar, além da escassez de pesquisas científicas especializadas. Apesar de ainda existirem essas fragilidades, é fato que houve uma evolução das sociedades para o respeito às diferenças individuais, como foi evidenciado anteriormente pela história. O fato de observar essas fragilidades que percorrem toda a estrutura social e até mesmo a prática terapêutica posta em evidência, pode contribuir com a superação de tais problemáticas, resultando assim, na ampliação da equoterapia como importante método de tratamento eficaz e inclusivo (URBANO, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A equoterapia é um método de tratamento e reabilitação, cujo público-alvo consiste em pessoas com deficiência. É uma prática que visa atender o ser humano considerando-o um ser biopsicossocial, por isso, é necessário ter uma equipe multidisciplinar à disposição, que saiba lidar com pessoas que possuem necessidades e características próprias, específicas e diversas. A equoterapia é considerada eficaz para esse público justamente pelos efeitos produzidos pelo cavalo e pelos profissionais que mediam a ação terapêutica. As contribuições geradas vão desde a cognição, parte motora até a social.

Apesar das grandes contribuições da atividade em vários aspectos na reabilitação, sabe-se que o público-alvo, traça uma luta relacionada à busca de seus direitos, visando implantar a inclusão em toda a sociedade, inclusive nas terapias de reabilitação. Essa tendência vem abrindo aos poucos os horizontes, em relação ao potencial inclusivo e a representatividade para o público deficiente. Dessa forma, a luta dessa comunidade é justificada no histórico de violência, exclusão e segregação que esse grupo sofre desde a

Antiguidade. Ainda assim, percebe-se os resquícios dessa violência nos dias atuais nas formas de preconceito, resistência na mudança da estrutura e das atitudes sociais e, também, pela falta de interesse dos órgãos governamentais responsáveis. Logo, é notória a falta de compreensão dos cidadãos no que diz respeito às suas responsabilidades e contribuições para a construção e solidificação desse modelo inclusivo. Por fim, para que haja mudanças é preciso entender que o esforço precisa ser feito principalmente pela sociedade, adaptando o meio para incluir todos.

Diante do contexto citado, verifica-se a necessidade de se pensar em programas que eduquem as pessoas em relação à diversidade dos indivíduos. O projeto da equoterapia, além de trabalhar com o praticante e sua família, pode oferecer palestras, cursos, workshops e outros eventos que abordem a temática da inclusão. Além disso, pode publicar trabalhos em eventos científicos, contribuindo assim, na quebra de estigmas e conscientizando a população. Outrossim, é possível promover eventos que aproximem a família do praticante e também momentos onde os profissionais orientem essa família a fim de sanar as dificuldades enfrentadas e a melhora do relacionamento interpessoal. Por fim, é fulcral destacar a importância de criar espaços para as pessoas com deficiência. Espaços estes de divulgação das atividades feitas pelos praticantes, espaços onde serão vistos e ouvidos sem que outras pessoas falem por eles. Deve-se investir também, nas práticas pré- esportivas e esportivas em eventos equestres que envolvem a prática da equitação. Nesses eventos que reúnem grande quantidade de pessoas, é possível promover representatividade para essa comunidade em especial, quebrando a visão de incapacidade, fragilidade e dependência, que muitas vezes, é associada a esse público, como se essas pessoas fossem apenas a sua deficiência, sem perspectivas e possibilidades de crescimento.

REFERÊNCIAS

COSTA, LPD et al. Centro de equoterapia Easa/Unicruz: Projeto de inclusão social. **Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 10, 2015.

FERRARI, Juliana Prado. A prática do psicólogo na equoterapia. **São Paulo: Universidade Presbiteriana MacKenzie-Faculdade de Psicologia**, 2003.

INSTITUTO FEDERAL SUDESTE DE MINAS GERAIS. IF SUDESTE MG, 2022.

Equoterapia.

Disponível

em:

<<https://sites.google.com/a/ifsudestemg.edu.br/equoterapia/historia/geral>>. Acesso em:

17/09/2022.

MAIOR, Izabel. História, conceito e tipos de deficiência. **Portal do Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://violenciaedeficiencia.sedpcd.sp.gov.br/pdf/textosapio/texto1.pdf>. Acesso em, v. 10, 2015.**

PEREIRA, Ester Liberato; BATAGLION, Giandra Anceski; MAZO, Janice Zarpellon. Equoterapia, saúde e esporte: figurações da prática no Rio Grande do Sul, 1970-2000. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 27, p. 879-897, 2020.

PEREIRA, J. de A.; SARAIVA, Joseana Maria. Trajetória histórico social da população deficiente: da exclusão à inclusão social. **SER Social, Brasília**, v. 19, n. 40, p. 168-185, 2017.

SANTOS, Renata Lopes dos. Benefícios da equoterapia na inclusão de crianças com deficiência. 2022.

URBANO, Maria Cristina Zecchin. **Equoterapia como elemento de rede de apoio ao processo de inclusão de uma criança com Transtorno do Espectro Autista**. 2018. 79 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Engenharia, Universidade Estadual Paulista, Ilha Solteira, 2018.